

O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

OS SILÊNCIOS E AS INTERROGAÇÕES DO DIRECTOR DO MUSEU DAS JANELAS VERDES

Por JOSÉ DE BRAGANÇA

A curiosidade perplexa do público naturalmente interessado por estes problemas leva-me a alinhar

ilustre director do nosso primeiro Museu.

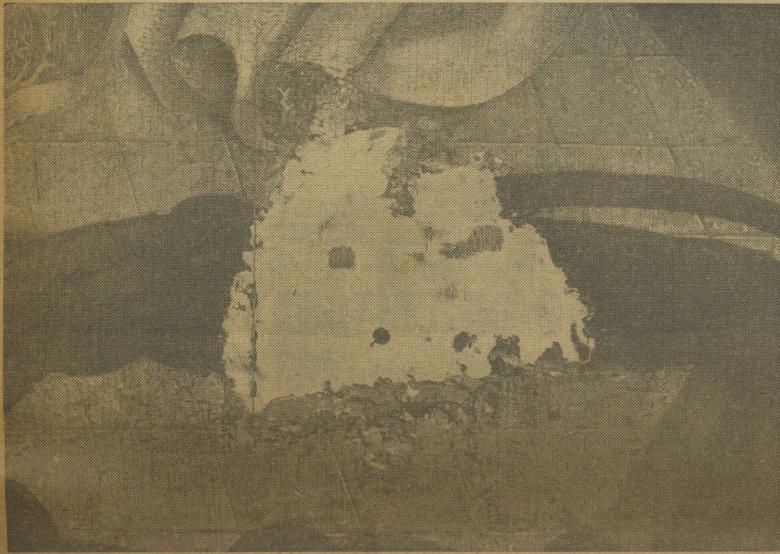
Preferia aguardar a publicação do seu texto exacto

de um desenho arrebatadamente implantado a golpes de pincel ágil e decidido, num à-vontade algo dispar

da técnica mais cuidada nos retratos dos primeiros planos.

Há nele já um enorme domínio da matéria, uma técnica consumada, sem dúvida. Mas qual é o grande virtuoso de qualquer arte — pintor, escultor, ou músico — que se não afirma plenamente desde os seus verdes anos?

Querendo definir a posição do Museu perante o problema, o sr. dr. João Couto pode também considerar-se num duplo aspecto: o amigo fiel e reconhecido, que quer manter quanto possível intacta a sua consideração, a sua admiração por José de Figueiredo, e o director do



Fotografia feita na última fase da sondagem à locura repintada no malho de cordas do painel grande onde se vê um mitrado.



A assinatura de Vasco Fernandes, na quarta linha da folha dobrada do livro do judeu: fotografia directa e decalque para mais fácil compreensão.

A conferência ou palestra, como modestamente lhe chamou o sr. dr. João Couto, pode dividir-se em duas partes essenciais:

Na primeira, o elogio caloroso do seu mestre e predecessor no Museu.

Na segunda, o acolhimento cheio de reservas à minha revelação do autor do políptico, assinado aliás, e à sua identificação com o Vasco Fernandes do retábulo de Lamego.

Museu, procurando ser isento de paixão e objectivamente responsável pela verdade da atribuição das obras expostas. Deste conflito de atitudes, nascem dificuldades quase insuperáveis.

(Continua na 5.ª pág.)

imediatamente breves considerações à recente conferência do sr. dr. João Couto,

OBRAS PASTORAIS

Por D. Manuel Gonçalves Cerejeira
Cardeal-Patriarca de Lisboa

A União Gráfica lançou a 2.ª edição do 11 volume das «Obras Pastorais», de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal-Patriarca de Lisboa.



D. Manuel Gonçalves Cerejeira (quadro de Eduardo Malta)

Tal como o primeiro volume, publicado em 1943, inclui este numerosos escritos publicados de 1936 a 1943, além das palavras de agradecimento ao Papa Pio XI, pronunciadas na sala do Consistório, em 1929, após ter recebido o chapéu cardinalício, em nome dos novos purpurados, etc.

(Continua na pág. seguinte)

to, que supponho escrito, visto que a Imprensa do próprio dia publicou extractos. O que vai ler-se, pois, comenta mais a primeira impressão causada pelas palavras ditas ali do que a posição a definir num texto ponderado, que aguardaremos. Atribuo assim a lapso de memória do conferencista a troca de palavras, que, de outra maneira, poderia representar distorção da verdade. Por exemplo: o sr. dr. João Couto, por duas vezes, disse que apresentei o célebre Políptico como obra de *infância*, do Grão Vasco, quando o que escrevi foi de *juventude*. E por esta palavra, para quem ultrapassou á muito os sessenta, entende-se um homem feito, ainda que jovem.

É conhecida a precocidade dos génios, cujo desabrochar se revela cedo. Mas quem ousaria supor que tal obra pudesse ter sido realizada em estado de *infância*?

Vejo nessa obra o ímpeto de um moço genial, sobretudo nas cabeças do fundo,

QUINTA-FEIRA

à tarde

N.º 269

DIÁRIO POPULAR * DIÁRIO POPULAR * DIÁRIO POPULAR

GUERRA DE NERVOS NA ÓPERA DE VIENA

Por E. von MITTAG

A greve dos trabalhadores dos teatros do Estado, na Áustria, dura há meses e já causou prejuízos enormes à vida teatral de Viena. Uma das suas consequências, de grande facilidade de calcular, foi a demissão de Herbert von Karajan do cargo de director artístico do Teatro de Ópera. Julga-se que a causa próxima da decisão do grande chefe de orquestra reside no facto de o dr. Drimmel ter assinado, sem o acordo de Karajan, um contrato, considerado insuficiente, com os sindicatos, com vista à solução do problema da greve. A questão, porém, ora já antiga. Entre o director artístico e a entidade

administrativa superior existia há muito uma tensão permanente, agravada por picuinhas e intrigas à volta do que se passava, secretamente, nos bastidores da Ópera. Karajan decidiu acabar com a esgotante guerra de nervos pedindo a demissão. O acto representa para Viena, e para a Áustria, muito mais do que uma questão pessoal, pois coloca os responsáveis em frente de problemas de excepção importância.

O único sector em que a Áustria — nação agora tão pequena — mantém reputação mundial é, precisamente, o da Música. O clero de arte emanado de Viena durante os seis anos em que Karajan esteve à frente da Ópera constituiu, apesar de alguns erros e enganos, um facto positivo e espontâneo no balanço cultural da Europa inteira. Karajan era justamente considerado, no seu cargo, como conservador e herdeiro duma poderosa tradição. A sua saída faz recuar o advento duma actividade musical limitada e provincial.

Não se encontra, de facto, nos dias de hoje, na esfera cultural alemã, alguém que possa substituí-lo.

Esta não é a primeira vez que em Viena se ouviram ecos das laranjas aos grandes músicos. Aconteceu o mesmo, em tempos idos, a Gustavo Mahler e a Riccardo Strauss. Mas então, o mal podia reparar-se com a escolha de outro artista (Continua na pág. seguinte)



O compositor Herbert von Karajan, que se demitiu do cargo de director artístico do Teatro de Ópera de Viena «Construção abstracta (relevo) a preto e branco» (1954), de Viktor Pasmore

(Continuação da 1.ª pág.)

O seu amor à casa, à tradição do Museu que herdou de quem lhe deu notável desenvolvimento, não o impede de, honestamente, formular dúvidas acerca da obra erradamente identificada.

Sob a forma de uma interrogação — que em si encerra a resposta — o sr. dr. João Couto cumpre um dever do cargo, evitando pronunciar-se nitidamente contra a opinião do seu saudoso mestre.

Que essa interrogação: *Está irrefutavelmente provado que...?* é formulada de modo a incutir no espírito



A suposta assinatura de Nuno Gonçalves, na bota do Regente, reproduzida no próprio tamanho do «Roteiro das Pinturas do Museu Nacional de Arte Antiga».

a resposta já aqui o escrevi e não o contestou o próprio director do Museu.

Ao repetir agora essa pergunta, aplicando-a à minha atribuição, deseja sem dúvida o sr. dr. João Couto insinuar a mesma resposta.

— É uma meia vitória! — dizia-me um amigo subtil, comentando esta atitude do Museu, ou melhor do seu director, por que o Museu é uma entidade complexa, em que as opiniões das pessoas podem somar-se ou divergir, mas, evidentemente, ao seu director cabe definir perante a opinião pública essa opinião colectiva.

Assim seria, se as interrogações do sr. dr. João Couto não se fundassem sobre silêncios.

Silêncio quanto a factos que ambos conhecemos referentes à acção de José de Figueiredo e de Luciano Freire, silêncio quanto à revelação da assinatura de Vasco Fernandes, a que não fez a menor apreciação na sua conferência.

Destes silêncios resulta uma nova interrogação — e esta minha:

Pode o Políptico permanecer com dois sinais de paternidade, um assinalado pelo mísero e duvidoso Gv da bota do Regente, outro pelas letras V. Frnz p.^{ta} do livro do judeu?

Outro silêncio pairou sobre o meu nome, que nunca ali foi proferido, embora se debatesses, entre silêncios e perguntas, as minhas afirmações.

Para o admirador fiel e devoto do seu antigo director, aquele Museu parece dever ser um templo em

O PROBLEMA DOS PAINÉIS

que se venere a memória daquele que criou um *patrono* à pintura portuguesa.

O belo retrato de José de Figueiredo, por Lazlo, não lhe bastou para perpetuar a sua lembrança, celebrizada já na praça que defronta o Museu. Foi-lhe há pouco erigido ali um busto em bronze.

Nesta situação de conflito entre o seu sentimento e a sua razão, o meu nome cairia ali como o de um hereje, que nunca comungou nesse culto.

Não me ofuscou esse silêncio, que talvez tenha até ajudado o auditorio a compreender — como eu compreendo bem — a difícil postura neste caso do sr. dr. João Couto.

Há transições que não convém fazer bruscamente?

Talvez. Ao sr. dr. João Couto, parece não estar *irrefutavelmente* provado que seja o Grão Vasco Fernandes — o primeiro — o autor do seu e meu querido Políptico — Assim concluo da sua interrogação.

Mas é meio caminho andado para o esclarecimento da verdade. Que ela a desejar alcançar, é testemunho claro o facto de ter ordenado à oficina de restauro que procedesse a uma sondagem, na lacuna por mim assinalada no molho de cordas.

Devo agradecer-lhe muito sinceramente a atenção que teve, mandando-me prevenir de que se estava procedendo a essa verificação. Na sua conferência, o sr. dr. João Couto fez projectar a fotografia aqui reproduzida, do último aspecto dessa sondagem. Feita primeiro em profundidade, em 2 pontos, através da camada de massa, encontrou-se apenas a madeira, nesses pontos, sem qualquer resto da primitiva pintura.

Retirou-se depois o restauro de Freire numa zona mais vasta, estendendo-se a limpeza à quase totalidade da lacuna, ficando à vista uma camada dupla de massas de diferente tom, atingindo o bordo inferior da veste branca, onde o restaurador Freire pintou um caracol de tecido que denota a sua incompreensão do pregueado. Esse caracol foi retirado, mas subsiste o vinco fundo com que o restaurador quis justificá-lo.

Mais gótico que o natural — aqui como em outras zonas de restauro de Luciano Freire, em tempos assinaladas por mim ao Museu. Através dos dois círculos negros, na parte inferior da mancha clara, reencontrasse a corda.

Nesta primeira sondagem, assim realizada, não se encontrou ainda qualquer claro indicio do que ali houve, antes da destruição voluntária desta zona, não sabemos quando.

Aventei a hipótese de que ali se poderiam encontrar vestígios, ainda que tenues de qualquer coisa de expressivo, retirando progressivamente a camada de gesso — duas camadas, aliás — em toda a zona restaurada.

Operou-se em profundidade, aqui e além, conservando a maior parte do preparo de gesso do restaurador Freire.

Como não se descobrisse assim nada de especialmente revelador, tornou-se a repintar a lacuna — mas sem refazer o absurdo caracol.

Continua pois sem explicação clara o problema posto por esta lacuna voluntariamente rapada, sem explicação a sombra projectada à esquerda.

Quanto à reliquia, não se fez qualquer limpeza, pois parece não haver repinte recente, mas sim uma incómoda camada de verniz amarelo, bastante opaco, por zonas — o que não ajuda a compreender a expressão real desse bocado de pintura, em que o director do Museu julga ver um osso e eu persisto em supor uma viscera ressequida e conservada em sal, durante 8 anos



Portmores do painel central do tríptico de Moulins

O MESTRE QUE NUNCA EXISTIU

A CABA de ser publicado em Paris um livro que ameaça demeritar um dos grandes nomes da pintura francesa, o chamado Mestre de Moulins. Este nasceu, com efeito, há apenas sessenta anos, criação de um crítico belga que sustentou que o pintor desconhecido do famoso tríptico medieval na catedral de Moulins era autor de mais uma dúzia de outras pinturas. A maior parte destas (incluindo a que está exposta na Royal Academy por empréstimo de Glasgow) figuram agora sob o seu nome.

A ideia tinha já sido atacada por um crítico americano, Maurice Godblatt, que em 1948 afirmou serem todas essas pinturas trabalho do flamengo Jean Hui Clouet. Essa teoria encontrou, porém, pouco apoio. Agora em «Le Maître de Moulins», publicado pelas «Presses Universitaires», Madeleine Huillet d'Istria apresentou uma teoria que está a ser seriamente considerada. Depois de vinte anos de investigações, que en-

— uma viscera do Infante Santo, como propôs há mais de 36 anos o arguto e consciencioso dr. José Saraiva, de saudosa memória, lembrando o texto do cronista João Alvares.

Um osso do crânio — e com cabelos! — devia definir-se pela sua forma sólida, mas ninguém até hoje pôde determinar qual fosse esse osso...

Ora estas minúcias têm a sua importância na significação geral da composição.

No final da sua conferência, o director do Museu mostrou, em projecção, fotografias de algumas tábuas do retábulo da Sé de Lamego, pedindo à assistência que comparasse as figuras com as que antes — logo no início — apresentara dos Painéis.

Era confiar demasiado na retentiva visual das pessoas.

Era também comparar verdadeiros retratos, reproduzidos por ótimas fotografias, bem detalhadas, com clichés ortocromáticos deficientes, datando de há mais de trinta anos, que davam uma ideia imperfeita das admiráveis pinturas de Lamego — aliás, lamentavelmente repintadas por Freire.

Numa delas, sobretudo, os repintes alteraram a bela qualidade dos brancos, tornaram pastosas zonas de cor de uma finíssima transparência de esmalte.

Para dar uma primeira impressão de incompatibilidade, bastaria.

Mas não seria preferível colocar lado a lado as próprias obras, mesmo só para um confronto visual?

É o que esperamos ver um dia, da esperada honestidade do nosso primeiro Museu.

E, então, lembrem-se todos de que entre os Painéis, reunindo pessoas reais, e as tábuas do retábulo de Lamego, há que considerar a diferença que vai de verdadeiros retratos a representações de devoção, algo convencionais sem dúvida, apesar do realismo da visão do artista.

E que de uma obra a outra vão mais de 40 anos de evolução das formas.

*

O último silêncio do conferencista, *last but not least*, incidiu sobre a assinatura de Vasco Fernandes nos Painéis em causa, como sobre a suposta assinatura de Nuno Gonçalves.

Há anos, nas sessões de estudo do Museu, sugeri que se verificasse esta, passando um dissolvente habitual sobre a tal «signa» da bota. Se ela fosse de matéria primitiva, resistiria à prova rápida; se fosse recente, logo desapareceria — prova real da sua não autenticidade.

Creio que tal prova nunca se fez, até hoje. Não duvido, porém, que se fará um dia.

E custa-me a acreditar que o sr. dr. João Couto queira abandonar a direcção do Museu deixando nos Painéis duas assinaturas que se repelem uma à outra.

JOSE DE BRAGANÇA

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

ADMINISTRAÇÃO

Sorteio de obrigações

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Previnem-se os portadores de obrigações da emissão a seguir indicada de que em 9 de Março p. t. se farão onze horas, se procederá na sede desta Companhia, em sessão pública, ao sorteio dos títulos a amortizar em 1 de Abril deste ano, em conformidade com o respectivo plano de amortização, a saber:

Emissão das Linhas de Mirandela e Viseu, de 4 1/2 % — 1889 — 300 obrigações respeitantes à amortização do 2.º semestre de 1961
Lisboa, 7 de Fevereiro de 1962
O Conselho de Administração

O «DIÁRIO POPULAR»
VENDE-SE EM
AZEITÃO
NO
CAFÉ S. LOURENÇO